

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BIANCA NUNES PEIXOTO

**A ESCUTA DO SOFRIMENTO QUE MARCA O CORPO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Tramandaí/RS

2022

BIANCA NUNES PEIXOTO

**A ESCUTA DO SOFRIMENTO QUE MARCA O CORPO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial  
para obtenção do grau de Licenciada  
em Pedagogia pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ghelman  
Sordi Zibenberg.

Tramandaí/ RS

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Peixoto, Bianca Nunes

A escuta do sofrimento que marca o corpo no ambiente escolar / Bianca Nunes Peixoto. -- 2022. 47 f.

Orientador: Igor Ghelman Sordi Zibenberg.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Tramandaí, BR-RS, 2022.

1. Lesão Autoprovocada . 2. Serviço de Orientação Educacional. 3. Pesquisa Qualitativa. 4. Escuta . I. Zibenberg, Igor Ghelman Sordi, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BIANCA NUNES PEIXOTO

**A ESCUTA DO SOFRIMENTO QUE MARCA O CORPO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial  
para obtenção do grau de Licenciada  
em Pedagogia pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ghelman  
Sordi Zibenberg

Data de aprovação: 15 de outubro de 2022

Banca examinadora

---

Professora Dra. Rejane Ramos Klein

---

Prof. Dr. Igor Ghelman Sordi Zibenberg (Orientador)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho às possibilidades de escutar longas histórias.

Dedico este trabalho às possibilidades de escrever novas histórias.

Dedico este trabalho a todos os adolescentes em sofrimento.

Aos que permanecem vivos e aos que perderam suas vidas.

Somos todos sobreviventes.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao outro. Aos outros que compuseram minha vida até aqui.

Agradeço aos meus pais, Maria Ines e Ciro, pelo amor e cuidado incondicionais. Eu os amo infinitamente.

Agradeço ao meu companheiro Thiago por dividir sua vida comigo e multiplicar afeto todos os dias.

Agradeço à escola de São Leopoldo, à orientadora educacional e aos professores que participam da pesquisa.

Agradeço à psicóloga Dra. Jane Barros pela escuta, sofá, leituras e escritas.

Agradeço ao orientador Dr. Igor Zibenberg pela orientação clara, presente e respeitosa durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço a participação da professora Dra. Rejane Klein na banca examinadora deste trabalho.

Tem mais presença em mim o que me falta.  
(BARROS, 1996, p. 67)

## RESUMO

Esta investigação tem como objetivo analisar como o serviço de orientação educacional (SOE) acolhe e acompanha os casos de lesão autoprovocada em crianças e adolescentes em uma escola pública estadual de São Leopoldo (RS). Além disso, busca refletir sobre os espaços de escuta na escola, já que tais lesões trazem a tona um sofrimento muito grande que não é posto em palavras. Na perspectiva deste trabalho, acredita-se que a escola pode atuar como um local privilegiado para estratégias nesse sentido. A pesquisa foi qualitativa de caráter exploratório, tendo como metodologia a coleta de dados através de pesquisas eletrônica e documental, de quatorze questionários em formulário digital respondidos pelos professores e uma entrevista de maneira virtual com a orientadora educacional da escola. A análise dos dados foi realizada com base na análise do conteúdo. Como resultados, pode-se concluir que o serviço de orientação educacional da escola pesquisada atua em parceria com a equipe diretiva e outros setores, mesmo com limitações, de maneira coesa na qual “a lei maior é a da equipe de trabalho”, ou seja, demonstrando que também não há diretrizes claras sobre os encaminhamentos devidos através de políticas públicas ou profissionais qualificados da área da psicologia ou psicologia escolar, por exemplo. Demonstrou-se também que existem outros espaços de escuta na escola, para além do SOE, os quais são construídos na relação com os demais setores da escola, com os professores e através de propostas pedagógicas que abordem o acolhimento do sofrimento existencial do alunado.

**Palavras-chave:** Lesão Autoprovocada. Serviço de Orientação Educacional. Pesquisa Qualitativa.

## **ABSTRACT**

This investigation aims to analyze how the educational guidance service (SOE) welcomes and monitors cases of self-harm in children and adolescents in a school in São Leopoldo (RS). In addition, it seeks to reflect on listening spaces at school, since such injuries bring up a great deal of suffering that is not put into words. From the perspective of this work, it is believed that the school can act as a privileged place for strategies in this sense. The research was qualitative and exploratory, having as methodology the collection of data through electronic and documental research, questionnaire in digital form and interview in a virtual way with the educational advisor of the school. Data analysis was performed based on content analysis. As a result, it can be concluded that the educational guidance service of the researched schoolworks in partnership with the management team and other sectors, even with limitations, in a cohesive way in which "the highest law is that of the work team", that is, demonstrating that there are also no clear guidelines on referrals due through public policies or qualified professionals in the field of psychology or school psychology, for example. It was also demonstrated that there are spaces for listening in the school, in addition to the SOE, from other sectors, teachers and pedagogical proposals in the classroom.

**Keywords:** Self Injury. Educational orientation. Qualitative research.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Quadro 1 - Sexo dos professores .....	28
Quadro 2 - Idade dos professores .....	28

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPSI	Centro de Atenção Psicossocial Infante Juvenil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
OE	Orientador (a) Educacional
OPAS	Organização Pan Americana de Saúde
PPP	Projeto Político Pedagógico
RS	Rio Grande do Sul
SOE	Serviço de Orientação Educacional

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	16
2.1 Objetivo Geral .....	16
2.2 Objetivos Específicos .....	16
<b>3. JUSTIFICATIVA</b> .....	17
<b>4. REVISÃO TEÓRICA</b> .....	20
4.1 Lesão Autoprovocada na Escola .....	20
4.2 Relações entre o Serviço de Orientação Educacional e a Escuta .....	22
<b>5. METODOLOGIA</b> .....	26
<b>6. ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	28
6.1 Perfil dos Professores.....	28
6.1.1 Perfil da Orientadora Educacional.....	29
6.2 Lesão Autoprovocada na Escola e o papel do SOE.....	30
6.3 Espaços de Escuta na Escola.....	36
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43
<b>APÊNDICE A – Entrevista com orientadora educacional</b> .....	46
<b>APÊNDICE B – Questionário dos professores</b> .....	47

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente a educação tradicional tem se preocupado, sobretudo, com a aquisição de habilidades cognitivas baseadas em intervenções conteudistas e desconectadas da realidade do alunado. Porém, com as transformações da sociedade no que se refere à infância, adolescência e à educação, as escolas também acabaram sendo convidadas a refletir sobre as chamadas habilidades não cognitivas, as quais têm como foco principal o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Pode-se perceber também uma mudança paradigmática no campo da saúde. Apresenta-se, portanto, uma nova concepção sobre saúde mental a qual busca indicar a complexidade e a multideterminação da questão, focando no bem-estar e na relação entre o ser humano e as demandas socioculturais do ambiente no qual está inserido em detrimento de uma visão focada nas concepções de doença ou transtorno e que compreende a saúde como ausência de doença (FARIA; RODRIGUES, 2020).

Tais mudanças tiveram reflexo na área da saúde mental, sobretudo na maneira de compreender ações e estratégias de prevenção (as quais buscam evitar o surgimento de uma patologia específica) e de promoção de saúde mental (as quais buscam fortalecer os processos de saúde e de bem-estar). A escola é um espaço importante que tem potencial para criar oportunidades e dar subsídios para o desenvolvimento integral dos alunos, sendo assim, pode ser compreendida como “lócus privilegiado para a implementação dessas estratégias.” (FARIA; RODRIGUES, 2020, p. 86).

Colocar essa questão no centro do debate educacional é importante, pois há estudos que revelam os resultados positivos de programas e intervenções voltadas, por exemplo, para o desenvolvimento da autoconsciência, consciência coletiva e social, conforme apontou Valente (2019). Além disso, as crianças conseguem desenvolver empatia, melhorar as percepções sobre si mesmas e sobre o que podem realizar, além de conseguirem tomar decisões mais assertivas.

É também durante os anos de escolarização que se desenvolve o processo de adolecer no qual esses indivíduos constituem suas identidades, se confrontam com suas próprias expectativas e com as expectativas sociais, familiares e de grupos, com a maneira de se relacionar com o corpo, com o outro, etc. Isso pode ser muito

doloroso para alguns adolescentes e causar um intenso sofrimento existencial, o qual muitas vezes torna-se de conhecimento do outro somente quando as lesões autoprovocadas aparecem.

Ou seja, tais lesões operam no sentido de “expressar aquilo que não pode ser dito através de palavras, sendo uma forma de denúncia do próprio sofrimento.” (LOPES; TEIXEIRA, 2019, p.294). Ainda pelo viés trazido pelas autoras, tal ato mutilatório funcionaria como um recurso para aliviar “uma dor que não encontra expressão pela via das palavras.” (LOPES; TEIXEIRA, 2019, p.295)

Desta forma, busco compreender os comportamentos autolesivos no espaço escolar para além dos estigmas e dos possíveis transtornos que podem ou não estar relacionados (o que não faz parte do alcance deste estudo) mas sim, partindo do pressuposto de que quando se abrem espaços para a escuta que é solicitada através dos cortes se “consegue positivamente um diálogo mais aberto com os alunos, considerando não só os aspectos cognitivos, mas, sobretudo as questões emocionais que influenciam diretamente na aprendizagem.” (LOPES; TEIXEIRA, 2019, p. 296).

O principal interesse desta investigação é compreender e analisar como são conduzidos e prevenidos os episódios de lesão autoprovocada no ambiente escolar tendo em perspectiva as atuações do serviço de orientação educacional (SOE), da escola e da família.

Tal estudo baseia-se na compreensão da lesão autoprovocada como uma maneira de colocar no próprio corpo o sofrimento e a dor que ainda não conseguem ser nomeados pelos adolescentes. Ou seja, como “forma de aliviar angústias que não podem ser verbalizadas, seja por não conseguirem dar voz ao sofrimento, ou por não ter a quem comunicar o sofrimento.” (FERREIRA, et. al., 2021, p.48).

E, por essa razão, reitera-se a importância de espaços e momentos de escuta, da possibilidade de elaboração do que (ainda) precisa ser compreendido e nomeado, ou seja, “o espaço de escuta para esses adolescentes é imprescindível, para que possam externalizar sua dor de forma mais adaptativa.” (FERREIRA, et. al., 2021, p.48).

Uma experiência durante a escrita deste trabalho deixou clara a importância de abrir possibilidades para a fala, a escrita e a escuta, ou seja, da construção de possibilidades de circulação da palavra (BARROS, 2010). Na mesma escola pesquisada aconteceu um evento com psicólogas em que havia uma caixinha para

escrita de depoimentos ou perguntas de forma anônima. Foram recebidas 50 respostas de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio.

Um ponto importante revelado foi a grande maioria de perguntas relacionadas à depressão, ansiedade, solidão, crises de pânico, autoimagem, orientação sexual, abusos etc. E as questões, sobretudo, estavam relacionadas a como lidar quando isso acontece consigo mesmo e a como lidar quando isso acontece com amigos ou familiar, o que evidencia a dificuldade de nomear, compreender e gerir questões emocionais complexas. Ou seja, o que quero dizer é que quando se abre a possibilidade da escuta as palavras circulam, os sentidos se constroem e os sujeitos se constituem. Sendo assim, a escola pode atuar como um espaço de prevenção e promoção de saúde mental.

Desta forma, o problema de pesquisa desta investigação é: Como o serviço de orientação educacional (SOE) acolhe e acompanha os casos de lesão autoprovocada em crianças e adolescentes em uma escola de São Leopoldo (RS)? Além disso, buscou-se compreender como os professores percebem a atuação da escola, do SOE, da família e de si mesmos, enquanto docentes e, conseqüentemente, construtores de espaços de escuta, nesse processo.

A pesquisa analisa os dados oriundos de quatorze questionários enviados para professores dos Ensinos Fundamental e Médio de uma escola pública estadual de São Leopoldo e de uma entrevista com sua orientadora educacional. As categorias de análise são: lesão autoprovocada e o papel do SOE e espaços de escuta na escola.

No capítulo 2 serão apresentados os objetivos deste estudo; no 3, sua justificativa; e no 4 a revisão teórica dividida em: lesão autoprovocada na escola e relações entre o serviço de orientação educacional e a escuta.

No capítulo 5, será apresentada a metodologia; no 6, a análise dos dados. E, finalmente, no capítulo 7 serão apresentadas as considerações finais e limitações do estudo.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral da pesquisa é compreender como o serviço de orientação educacional (SOE) acolhe e acompanha os casos de lesão autoprovocada em crianças e adolescentes no ambiente escolar.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar os caminhos do acolhimento e acompanhamento do sofrimento existencial de crianças e adolescentes que praticam lesão autoprovocada no ambiente escolar.

- Compreender se e como os espaços e momentos de escuta são construídos na escola, através da atuação dos professores, do serviço de orientação educacional e das famílias.

- Verificar a percepção dos professores sobre a importância do SOE no acompanhamento realizado e como eles mesmos se compreendem como parte integrante do processo de prevenção de comportamentos auto lesivos e promoção de saúde mental no ambiente escolar.

### 3 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica, em primeiro lugar, pela emergência do tema no que se refere à reflexão sobre as demandas do cotidiano escolar, no qual o desenvolvimento das habilidades de reconhecer, compreender e gerir as emoções aparece como desafio perante o atual aumento do adoecimento mental na comunidade escolar, sobretudo, após a pandemia do Coronavírus.

Almeida (2018) aponta que existem diversas pesquisas<sup>1</sup> tendo a automutilação entre adolescentes como objeto de estudo, porém, “as pesquisas que envolvem essa questão atrelada ao contexto escolar ainda são insuficientes.” (LOPES; TEIXEIRA 2019, p.292).

O perfil de notificações de lesões autoprovocadas no país é de mulheres, brancas, com baixo grau de instrução e idade entre 15 e 19 anos (BRASIL, 2021). No mesmo boletim epidemiológico, destacou-se o aumento das taxas de suicídio entre adolescentes e jovens, indicando a adolescência e o início da vida adulta como possível início de comportamentos e pensamentos suicidas. Assim como o suicídio, a lesão autoprovocada também é vista como um problema de saúde pública, pois “afeta diretamente as relações dos indivíduos e as pessoas da sua rede de convívio, em especial, sua família.” (COSTA; GABRIEL; OLIVEIRA, 2020, p.2).

As pesquisas de Ferreira, Chaves e Tardivo (2021) sobre comportamento autolesivo afirmam que há ainda poucos estudos no Brasil. Porém, há relatórios esporádicos do Ministério da Saúde sobre violência autoinfligida, na qual pode ser incluída a autolesão, em que “os dados comprovam aumento de violência autoinfligida no público adolescente” (FERREIRA, et al.,2021, p.44). Apesar de ressaltarem a lacuna de pesquisas que enfatizem o ponto de vista dos adolescentes e a dificuldade em conseguir designar e identificar de maneira consensual as autolesões, pode-se perceber um aumento do interesse sobre o tema nos últimos três anos.

Conforme site da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)<sup>2</sup>, o suicídio é a segunda causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos em todo o mundo, ao longo do ano de 2016. No Brasil, 12 mil pessoas tiram a própria vida ao longo de um ano.

---

<sup>1</sup> Cedaro & Nascimento (2013); Lorena (2016); Jatobá (2010); Jorge, Queiroz & Saraiva (2015), Monteiro, Bahia, Paiva, Sá & Minayo (2015) e Silva (2012).

<sup>2</sup> Disponível em: <paho.org/pt/brasil>. Acesso em 20 de jul de 2022.

No mundo, ocorre um suicídio a cada 40 segundos. Segundo o Boletim de Vigilância Suicídio e Tentativa de Suicídio do ano de 2018<sup>3</sup>, no Rio Grande do Sul, a taxa de suicídio tem sido quase duas vezes maior do que a brasileira, o que representa uma média de três mortes a cada dia, sendo essa distribuição bastante heterogênea, pois há regiões específicas em que os índices são expressivamente mais elevados, como o Vale do Rio Pardo, por exemplo. Porém, apesar de se conhecer os números das notificações, é necessário

(...) pontuar, ainda, que o suicídio e as autoagressões são eventos estigmatizados e subnotificados. O estigma em relação ao tema do suicídio e da saúde mental como um todo frequentemente impede a procura por ajuda, que poderia evitar mortes.” (BRASIL, 2021, p. 8)

Pesquisa de Gabriel et.al. (2020) ressalta também que os dados epidemiológicos são imprecisos e que as barreiras, sobretudo atitudinais, com relação a esses atendimentos (serviços de urgência, por exemplo) precisam ser rompidas, apesar das dificuldades de manejar as necessidades dos adolescentes. Tal desconhecimento ocorre por não se conseguir ultrapassar o viés físico do episódio e voltar à atenção para os aspectos subjetivos envolvidos. Por esses motivos, tal estudo se propõe a contribuir nas reflexões sobre essas questões.

No Brasil, em 2011, a notificação de casos de autolesão se tornou obrigatória. No ano de 2019, foi lançada a Campanha Nacional de Prevenção ao Suicídio e a Automutilação de Crianças, Adolescentes e Jovens com o objetivo de atuar na conscientização e multiplicação de informações sobre prevenção. Após isso, foi sancionada a lei que criou a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio (Lei 13.819/19). A Política tem como um dos objetivos promover a prevenção através da articulação entre setores como saúde, educação, comunicação, imprensa etc. No artigo sexto dessa lei, inciso II, consta que os casos que foram suspeitos ou confirmados de lesão autoprovocada devem ser notificados de maneira compulsória pelas instituições de ensino público e privado ao conselho tutelar. (FERREIRA, et. al. 2021).

Norling (2020) em pesquisa sobre ações e projetos desenvolvidos em uma escola pública da zona norte de Porto Alegre com foco em saúde mental e suicídio, afirma que a escola está presente na vida do sujeito em sua maior parte do tempo,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <cevs.rs.gov.br/suicídio>. Acesso em 20 jul de 2022.

por isso ela se torna responsável também pela saúde mental dos alunos, visto que ela traz uma forte pressão mental para a elaboração de provas, entrega de trabalhos com data sem a possibilidade de adiar, comparação entre os alunos e alunas da mesma idade que supostamente deveriam ter as mesmas aptidões e com a convivência entre pessoas diferentes. A intervenção se faz necessária em se tratando de saúde mental, já que além de provas e trabalhos dados pela escola, o aluno precisa lidar com diferentes personalidades dentro dela, com contradições e opiniões diversas. Se a saúde mental do adolescente não está sendo cuidada, ele pode encontrar-se em posição de sofrimento psíquico (NORLING, 2020, p.7).

A autora salientou a importância de que os currículos sejam flexibilizados de modo a contemplar também questões relacionadas à promoção da saúde mental na escola. A pesquisa desenvolvida pela autora foi um estudo de caso sobre um programa de atenção à saúde mental e prevenção ao suicídio (Círculo de construção da paz) elaborado pela SMED com a parceria de escolas municipais dos bairros Lomba do Pinheiro, Rubem Berta e Restinga tendo concluído que, para a construção de uma escola promotora de saúde mental, é de extrema importância “acolher e demonstrar afetividade, trabalhar com a escuta respeitando o aluno e sua história, dando valor às suas conquistas e incentivando suas melhoras, fortalecendo, assim, sua autoestima, entre outros.” (NORLING, 2020, p. 15).

Como resultados da pesquisa, a autora conseguiu identificar, após análise da entrevista com a orientadora da escola e demais ferramentas de coleta de dados, que os alunos começaram a sentir acolhidos, percebendo um espaço no qual eles poderiam conversar sobre suas angústias e medos e, assim, tentar buscar possibilidades de resolver questões e se sentir bem. Ou seja, “os adolescentes conseguiram desabafar mais sobre suas preocupações fora da escola, possibilitando uma atenção e acolhimento maior por parte da equipe diretiva.” (NORLING, 2020, p.28).

Sendo assim, nos capítulos seguintes serão apresentadas as bases teóricas que sustentam as reflexões desta pesquisa no que se refere ao contexto das lesões autoprovocadas, do serviço de orientação educacional e da escuta na escola.

## 4 REVISÃO TEÓRICA

### 4.1 LESÃO AUTOPROVOCADA NA ESCOLA

Castro (2020) aponta para o fato de que a mídia vem mostrando cada vez mais as lesões autoprovocadas relacionadas às discussões das áreas da saúde, da assistência social e da educação. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, o assunto é tabu em outras instâncias como a família e a escola, as quais compreendem a questão “como uma condição pejorativa para manipular e chamar atenção de maneira negativa.” (CASTRO, 2020, p. 24)

Soares (2018) afirma que “na literatura científica brasileira, o termo mais usado é a automutilação, para os adolescentes é corte, ou “*cutter*” em inglês, se referindo a alguém que é um “corta-dor”, que corta a dor.” (SOARES, 2018, p.7). Escobar (2022) afirma que a

autolesão é um problema emocional caracterizado por comportamentos propositais que envolvem agressões diretas ao próprio corpo, as lesões são quase sempre superficiais e geralmente feitas em pontos de fácil acesso, como braços, pernas, tórax e abdômen. (ESCOBAR, 2020, p.2).

Almeida (2018) utiliza o termo automutilação e o analisa através do olhar da psicologia escolar/ educacional, salientando a importância deste profissional na escola. Compreende a automutilação como uma maneira disfuncional de enfrentar problemas praticada por indivíduos que possuem poucas estratégias de enfrentamento e de resolução, sendo prevalente entre os adolescentes.

É considerada também como qualquer comportamento intencional que envolve agressão direta ao próprio corpo sem intenção suicida consciente configurando, assim, um fenômeno heterogêneo relacionado a múltiplos fatores, inclusive aos subjetivos (ALMEIDA, 2018). É importante levar em consideração que

Os comportamentos autolesivos são um problema de saúde pública que tem aumentado consideravelmente no público adolescente e nas escolas, provavelmente devido à divulgação realizada por meio das redes sociais e também por causa da influência de alguns ídolos e celebridades que também praticam ou já praticaram esses comportamentos, naturalizando-os e reforçando-os; despertando um interesse crescente de diversos pesquisadores na sua investigação devido aos impactos dos mesmos na vida dos indivíduos. (ALMEIDA, 2018, p. 148).

O Informe Epidemiológico sobre Violência<sup>4</sup> divulgado pela Prefeitura de São Leopoldo relata informações do ano de 2018 e traz a violência autoprovocada, destacando os casos de tentativa de suicídio como maioria (mais de 80%), sendo enforcamento e intoxicação por medicamentos (67%) os mais comuns. Sobre o local de

---

<sup>4</sup> Disponível em: <[informe\\_violencia.pdf\(saoleopoldo.rs.gov.br\)](http://informe_violencia.pdf(saoleopoldo.rs.gov.br))>. Acesso em 02 de set de 2022.

ocorrência da violência, a residência ficou em primeiro lugar (81,5%) estando a pessoa não alcoolizada. A maioria das pessoas já havia praticado a violência mais de uma vez em 42,2% dos casos, sendo prevalente no público adulto (37,8%), seguido dos jovens (23,7%) e adolescentes (22,2%).

Soares (2018) pesquisa essa questão através da percepção e possíveis significados que os adolescentes possuem sobre os cortes. Para tanto, utilizou-se da teoria psicanalítica para entrevistar três adolescentes com relação às suas experiências vividas. As adolescentes frequentaram o Centro de Atenção Psicossocial Infante Juvenil Aquarela (CAPSI) do município de São Leopoldo (RS). A partir dessas narrativas, estabeleceram as seguintes categorias de análise: “Cortar-se para que?”; “Cada cicatriz dessa, é uma batalha da guerra que eu tenho comigo mesmo”; “Cortar a sensação de morte, produzindo vida”; “Escola, espaço de “Esperança”; “A escuta, o acolhimento: a força de que “Vai passar””.

Como reflexão nas duas primeiras categorias de análise, a autora corrobora o que foi trazido sobre a manifestação do indizível pelo adolescente no seu próprio corpo através de agressões. Muito fortemente relacionada a esses episódios, está a culpa e a vergonha fazendo com que o adolescente se isole cada vez mais, pedindo socorro onde ninguém escuta esse silêncio. (SOARES, 2018).

A escola como espaço no qual o adolescente “mostre” seu sofrimento, segundo Soares (2018) se deve ao fato de ter “a esperança de que algum olhar e alguma aposta sejam feitos nele, encontrando, assim, alguma porta que se abra para uma nova possibilidade de viver.” (SOARES, 2018, p.20). Por fim, a autora aponta a importância da escuta afetiva, sem julgamento e sem pressa para que o adolescente tenha condições de nomear suas emoções e passar por esse processo que parece indicar que “o corte tem uma prevalência como sintoma social, como uma expressão desse tempo adolescer com suas dificuldades nos relacionamentos, nas suas frustrações e perdas, nas suas angústias, na formação da sua identidade. (BARBOSA, 2017, apud. SOARES, 2018, p. 22)”.

Escobar (2022) realizou uma revisão integrativa sobre estratégias de prevenção ao suicídio e a autolesão para adolescentes no ambiente escolar. Foram analisados 11 artigos em língua inglesa publicados de 2017 a 2021. Sendo assim, as estratégias de reconhecimento dos sinais de risco e de encaminhamento para profissionais da saúde mental se mostraram com maior predominância, como o Gatekeeper<sup>5</sup> (guardiões da

---

<sup>5</sup> “Busca promover a conscientização sobre o problema do suicídio entre jovens, fornece aos alunos estagiários conhecimento e recursos para interagir com adolescentes em situação de risco e incentiva comportamentos de encaminhamento.” (ESCOBAR, 2022, p.13)

vida), por exemplo. A autora segue a avaliação dos programas e demonstra eficácia quanto aos efeitos alcançados e alertando para a importância de

implantar e implementar programas e políticas de prevenção do suicídio e da autolesão para o público adolescente especificamente nos ambientes escolares, considerando o atual cenário epidemiológico mundial de aumento dos referidos comportamentos. (ESCOBAR, 2022, p.14).

Tais intervenções trataram da saúde mental na escola através do fortalecimento das habilidades socioemocionais, sobretudo, no que se refere a prevenção do suicídio com destaque para saber lidar com emoções negativas, valorizar a vida e enfrentar pensamentos e comportamentos de risco.

## **4.2 RELAÇÕES ENTRE O SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E A ESCUTA**

O (a) orientador(a) educacional (OE) é o profissional que busca a solução dos problemas dos alunos, dos professores e da comunidade escolar com o intuito de melhor compreender e desenvolver os sujeitos. Ou seja, ele trata de relações interpessoais dentro e fora da escola. O conhecimento da individualidade e da história de vida do aluno são muito importantes, pois “grande parte dos aprendizados acontecem na decorrência de interação com as pessoas que estão presentes no nosso dia a dia.” (BUGNONE, et.al., 2016, p.3).

A Orientação Educacional está prevista em toda a Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Historicamente, na Educação Infantil buscou-se tratar dos alunos “problema” tão logo fossem percebidos comportamentos fora daqueles esperados. No Ensino Médio, a atuação da OE estava relacionada à orientação profissional. Conforme Pascoal, Honorato e Albuquerque (2008), em alguns estados brasileiros, o orientador educacional faz parte da equipe de gestão escolar como é o caso do Distrito Federal, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul. Ocorre também que em outros estados esse profissional nem exista.

Teve sua origem na década de 1930 nos EUA. No Brasil, a partir de 1940, surgiu com o objetivo de ajudar na orientação profissional de jovens. Teve sua primeira aparição na legislação brasileira no ano de 1947. No ano de 1958, o MEC regulamentou provisoriamente a função de orientador educacional, permanecendo até 1961 quando a LDB 4.024 regulamentou sua formação. A LDB de 1968 previa atuação no âmbito das escolas de primeiro e segundo grau. Foi com a LDB de 1971 que a instituição obrigatória do OE envolveu o “aconselhamento vocacional em cooperação com os professores, a família e a comunidade.” (PASCOAL, 2008, p. 104). Ao longo da história, o papel do OE passou de, inicialmente, focalizar nos problemas comportamentais dos alunos e de suas famílias para, em seguida, prestar serviços com intenção de

prevenção. Por essas questões, na década de 1980, a orientação educacional teve seus pressupostos teóricos discutidos. Assim,

o orientador começa a participar de todos os momentos da escola, discutindo questões curriculares, como objetivos, procedimentos, critérios de avaliação, metodologias de ensino, demonstrando sua preocupação com os alunos e o processo de aprendizagem. (PASCOAL, 2008, p.105)

Nesse momento, o caráter político da OE é reconhecido e o trabalho se volta para cidadania, subjetividade e intersubjetividade através do diálogo. Na LDB de 1996, ficou definido que o orientador educacional precisaria ter o curso de graduação em Pedagogia.

No contexto da rede pública do município de Porto Alegre, Pereira, Santos e Freitas (2021) realizaram uma pesquisa sobre o papel da orientação educacional na articulação em rede a partir de um estudo de caso de um aluno. A rede de apoio englobou as áreas da saúde, assistência social e conselho tutelar. As autoras salientaram a importância dessa articulação para que os encaminhamentos necessários fossem realizados e o aluno e sua família pudessem acessar serviços de saúde e assistência social a fim de proporcionar para o aluno maior e melhor aproveitamento escolar, já que ele apresentava sofrimento e dificuldade de permanecer na escola em função da perda recente do pai por suicídio entre outras questões sociais.

Dessa forma, as autoras salientam a importância da “tessitura de um trabalho colaborativo, costurado por muitas mãos, que compõe a rede de sustentação da criança e do adolescente.” (PEREIRA; SANTOS; FREITAS, 2021, p. 3). Ou seja, o trabalho da orientação educacional é composto de ações *com* e *para* o outro. Com o outro, pois se organiza colaborativamente, sem hierarquizações e, para o outro, pois coloca o aluno na posição central do seu processo educativo. Portanto,

(...) a escuta do orientador educacional compõe esse fazer possibilitando ao aluno manifestar suas necessidades e dificuldades, sejam elas na escola ou em outro ambiente que lhe afeta e, assim, podermos conhecer as relações que o constituem e a partir disso compor ações em rede. (PEREIRA; SANTOS; FREITAS, 2021, p.4).

Para que o aluno seja o centro desse processo, a escuta do orientador educacional se faz fundamental no contexto escolar. Ou seja, “faz-se necessário uma escuta, que seja livre de julgamentos, com respeito ao outro e atenta à fala, aos gestos (que nos sinalizam algo), à entonação da voz e à postura.” (PEREIRA; SANTOS; FREITAS, 2021, p.4). Tal escuta traz à tona os alunos como protagonistas de suas próprias histórias, possibilitando o desencadeamento de transformações positivas para o seu cotidiano, além da garantia dos direitos previstos para as crianças e adolescentes.

Castro (2020) traz uma reflexão importante sobre o serviço de orientação educacional, para o qual são encaminhados alunos com atitudes consideradas transgressoras (sendo uma delas, as automutilações) e que poderão ser registradas em atas. O que a autora chama atenção é o fato de que

esta ação é provocadora de angústia, pois ilustra o momento do conflito sem considerar a origem causadora do mesmo, uma vez que as manifestações dos alunos trazem questões externas ao ambiente educacional. (CASTRO, 2020, p. 9).

Sendo assim, Castro (2020) faz uma crítica ao sistema educacional que busca um aluno passivo, sem crítica, autonomia e voz, já que no contexto da psicologia as palavras são constitutivas do sujeito ao mesmo tempo em que o revelam e o fazem ser reconhecido. Desta forma, se os alunos se calam frente as imposições e as regras, “a angústia e o sofrimento psíquico não encontram vazão, retornando a descarga ao próprio sujeito.” (CASTRO, 2020, p.9) Trago essa autora pela importância de destacar a escuta na escola para além dos limites normativos de conduta e comportamento e apesar da ausência de psicólogos escolares, pois acredita ser o SOE um espaço de escuta.

Ao voltar o olhar para o jovem em sofrimento que está inserido no contexto escolar e não expressa suas angústias, verifica-se a possibilidade do espaço de escuta, em que os adolescentes possam se direcionar para um movimento de conseguir verbalizar as angústias e mal-estar por meio das palavras. Assim, na falta do psicólogo educacional, compreende-se que esse papel pode ser desenvolvido pelo orientador educacional. Este profissional não desenvolve a escuta clínica, mas pode proporcionar um espaço de escuta, considerando as manifestações de angústia. (CASTRO, 2020, p.40).

Dunker (2020) busca entrelaçar escuta, educação e psicanálise e deixa clara a importância da escuta, seja nos espaços terapêuticos como em outros tantos espaços da sociedade. O autor traz diversos exemplos do cotidiano e de sua prática clínica, nos quais pode-se perceber a questão da transferência que ocorre entre analisando e analista, podendo ocorrer o mesmo com a relação entre aluno e professor. Ele propõe uma pedagogia para a escuta e da escuta.

O autor traz diversas reflexões sobre as relações com a escuta nas quais podem estar envolvidos psicoterapeutas, psicanalistas e educadores. Ele afirma que a escuta “talvez seja o ponto de passagem e de articulação entre duas superfícies: educação formal e informal; educar e cuidar, aprender e ensinar. Este ponto de divisão subjetiva do educador é também seu ponto de desamparo e de vazio” (DUNKER, 2020, p.15).

O autor questiona a educação que historicamente formou professores para a fala e que atualmente está se dando conta de que a faculdade de escutar também

precisa estar presente nos currículos, objetivos, metodologias e habilidades a serem desenvolvidas. Sendo assim, ele propõe a ignorância como “ponto de partida para a aventura da escuta e abertura para o outro” (DUNKER, 2020, p.15). Ou seja, “escutar é poder “não entender”, é poder respeitar o “desentendido”, é fazer funcionar, na prática, a paixão da ignorância.” (DUNKER,2020, p.67)

Ele chama isso de escuta lúdica, empática escuta ativa ou não violenta. A escuta é tratada como ética. Ao longo do livro, ele traz comparativos e reflexões acerca do papel da escuta entre analista e analisando e sobre essa relação quando se trata de professor e aluno. Um dos pontos elencados pelo autor sobre a escuta é que ela necessita partir do que o outro fala, sem suposições. O que vale para analistas e professores.

Barros (2010) nos conta de sua experiência como orientadora educacional em uma escola onde havia uma prática conhecida entre as professoras de oferecer um chazinho para as crianças se acalmarem ou quando estavam machucadas. Até aí parece conhecida a história. Porém, o que ela salienta, ao narrar uma história com um menino em específico, é que o chá foi tido por ele como milagroso já que, conforme a autora, foi acompanhado da escuta. Ou seja, ele estava buscando um espaço para respirar, conversar, ser escutado e, assim, se sentir em condições de novamente retornara para a sala de aula. E foi naquela sala, tomando aquele chazinho que ele encontrou. Pode ser um exemplo simples, mas nessa analogia pode-se compreender o papel que a escuta tem na escola, ou seja, a tese da autora nos fala das possibilidades de circulação da palavra dentro da escola como fator crucial para a constituição do sujeito, a partir da psicanálise.

## 5 METODOLOGIA

Este estudo foi uma pesquisa qualitativa exploratória, aquela que busca informações para compreender mais sobre um assunto, pois o tema possui poucos estudos, conforme especificaram Engel e Silveira. (2009).

A coleta de dados se deu através de pesquisa eletrônica consultando textos relativos à saúde mental, orientação educacional e escuta e de pesquisa documental, principalmente de dados de recenseamento, sobretudo vinculados à área da saúde. A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual de ensino médio do município de São Leopoldo (RS).

Uma das ferramentas utilizadas foi a entrevista com questões mistas, ou seja, abertas e fechadas, com o intuito de coletar mais informações a fim de compreender a questão de maneira mais ampla. Com as questões fechadas pode-se obter maior uniformização dos dados e, com as abertas, podem-se obter informações livremente. Conforme Engel e Silveira (2009) esta técnica de interação social assimétrica baseada na relação de diálogo na qual em que uma pessoa fornece informações enquanto a outra busca obtê-las.

A entrevista de coleta de informações (semiestruturada) foi realizada com a orientadora educacional da escola de maneira virtual através do aplicativo Zoom e teve duração de quarenta minutos. Teve como objetivo compreender como ocorre o acolhimento, acompanhamento e encaminhamento de alunos que apresentam episódios de lesão autoprovocada no ambiente escolar. Além disso, buscou-se traçar o perfil da profissional atuante no SOE, sua formação e suas principais experiências e desafios com relação ao tema. O áudio da entrevista foi transcrito e analisado posteriormente. O roteiro de questões consta no apêndice A.

Além disso, para os professores da escola, foi enviado um questionário através do Google Formulário por meio eletrônico com questões abertas e fechadas. Foi realizado um pré-teste do formulário com um professor. Após análise das respostas e diálogo com ele, as questões reorganizadas. Conforme o questionário

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá

responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado. (ENGEL; SILVEIRA, 2009, p.69)

O questionário tinha como objetivo traçar um perfil dos professores, compreender como os professores compreendiam a atuação da orientação educacional na gestão e condução da automutilação de crianças e adolescentes, como os professores abordam essa questão em suas respectivas disciplinas e como percebem a atuação da família. O questionário foi enviado para vinte e cinco professores. O questionário consta no apêndice B.

A análise dos dados foi realizada com base na análise do conteúdo. Bardin (2011, apud SOUSA, 2020, p. 1400) afirma que ela está dividida em três fases, sendo: pré-análise, exploração ou categorização e tratamento dos resultados, inferências e interpretação. A análise do conteúdo inicia pela leitura das falas das entrevistas e questionários. Depois, disso são relacionados significantes (estruturas semânticas) aos significados dos conteúdos (estruturas sociológicas) e, a partir disso, definidas análises temáticas, ou seja, os núcleos de sentido. (MINAYO, 2007, apud. ENGEL; SILVEIRA, 2009, p. 84). No capítulo seguinte, serão apresentadas as análises e discussões dos dados.

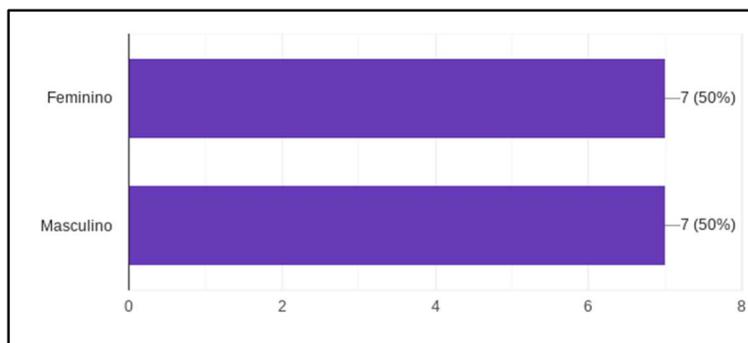
## 6 ANÁLISE DOS DADOS

### 6.1 PERFIL DOS PROFESSORES

Dos 25 professores convidados a participar da pesquisa, aceitaram responder ao questionário 14 deles, sendo 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino. Sobre as idades dos professores, a maioria (57,1%) tem mais de 40 anos. Sobre o tempo de docência, oito deles tinham menos de dez anos de prática, enquanto cinco deles tinham mais de dez anos de prática docente. Sendo assim, pode-se concluir que o perfil de professores participantes da pesquisa foi de 14 pessoas maiores de 40 anos e com menos de 10 anos de prática docente de ambos os sexos.

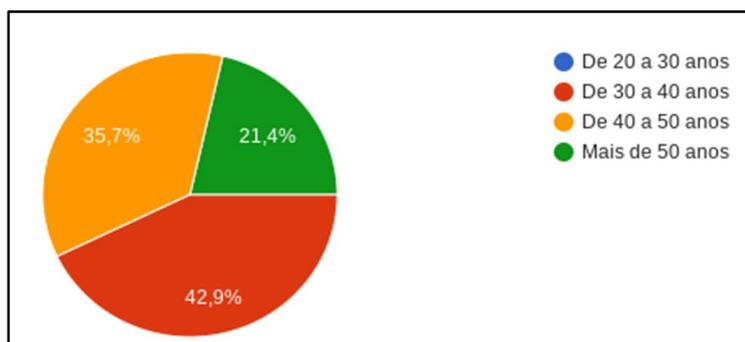
Os dados a seguir indicam esses resultados.

**Quadro 1 - Sexo dos professores**



Fonte: elaborado pela autora (2022)

**Quadro 2 - Idade dos professores**



Fonte: elaborado pela autora (2022)

As áreas de atuação dos profissionais são Língua Portuguesa, Língua Espanhola, Língua Inglesa, Matemática, Literatura, Ciências, Biologia, Química, Ensino Religioso, História, Geografia e Filosofia.

Quando perguntados se já presenciaram ou tomaram conhecimento de crianças ou adolescentes que provocaram algum tipo de lesão autoprovocada no contexto escolar, somente um professor respondeu que não. Ou seja, treze professores já presenciaram ou tomaram conhecimento de casos que ocorreram dentro ou fora da escola. Além da afirmação, eles apontaram para a frequência usando as palavras “vários”, “muitos casos de cortes, escarificações e marcas roxas por batidas no próprio corpo”.

Um professor destaca que, neste ano, foi a primeira vez que ficou sabendo de um caso. Já outro, afirma ter tomado conhecimento de alunos que fizeram fora da escola e que todas as vezes que ouviu falar de automutilação foram feitas por meninas.

Sendo assim, a lesão autoprovocada ocorre sobretudo entre adolescentes tanto no contexto escolar quanto fora dele, configurando um problema de saúde pública (ALMEIDA, 2018). Desse grupo, destacam-se as ocorrências entre meninas. Conforme Dionísio (2020), ao analisar as relações entre episódios de automutilação e gênero em uma comunidade escolar no Rio De Janeiro, foi possível admitir correlações entre o fenômeno da automutilação, as relações de gênero e a violência simbólica. Ou seja, “muitas mulheres tendem a utilizar a prática de forma a aliviar sofrimentos impostos e legitimados por um imaginário social ainda significativamente patriarcal.” (DIONISIO; QUEIROZ, 2020, p.24).

A presente seção demonstrou o perfil dos professores e o fato de que a grande maioria já se deparou com episódios de lesão autoprovocada no ambiente escolar.

### **6.1.1 PERFIL DA ORIENTADORA EDUCACIONAL**

A orientadora educacional entrevistada tem 54 anos, tem formação em Magistério, Pedagogia e especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional em andamento. Atua há 4 anos na escola pesquisada e chegou até esse espaço de trabalho através do caminho citado abaixo.

A - Eu sempre tive muita vontade de saber mais do aluno em sala de aula, mas quando se está em sala de aula a gente não consegue saber muito desse aluno, é tudo muito rápido, tu tem que cumprir ali o calendário, é conteúdo, é matéria para dar, é tema, é prova, e tu não consegue. E aí, depois que eu fiz a Pedagogia eu já vi uma possibilidade ali de trabalhar nessa área com a minha Pedagogia, tanto na

supervisão como na orientação. E como eu já atendia no município na área da saúde, eu fazia visitas domiciliares, fiz no município por 16 anos, com as crianças menores de 1 ano que iam a óbito no município, eu entrevistava as famílias. Isso já me abriu uma porta muito grande para a escola também. E aí assim que eu me formei e que eu vi possibilidade de entrar nessa área, eu me inscrevi para contrato do Estado, já era professora do Estado de séries iniciais então, assim que me chamaram, eu não pensei duas vezes e fui para orientação.

## **6.2 LESÃO AUTOPROVOCADA NA ESCOLA E O PAPEL DO SOE**

Com a intenção de responder ao problema de pesquisa desta investigação que é analisar como o serviço de orientação educacional (SOE) acolhe e acompanha os casos de lesão autoprovocada em crianças e adolescentes em uma escola de São Leopoldo (RS), podem ser destacados os seguintes pontos.

Primeiramente, cabe ressaltar, como os professores salientaram, que não são em todas as escolas estaduais do Rio Grande do Sul que existe um orientador (a) educacional. E, além disso, existe o fato de algumas escolas não terem esse profissional à disposição em todos os seus turnos de aula, conforme resposta de um professor.

A - O SOE em minha escola funciona com uma profissional no turno da tarde. Poderíamos ter esse setor ativo nos três turnos de aula.

A partir das respostas para a sétima questão do questionário<sup>6</sup>, pode-se perceber um padrão indicando que a orientação escolar é acionada em primeiro lugar e, em seguida, a direção escolar. Ou seja, nesta escola, a equipe diretiva (focando em orientação e direção) são tidas como referências pelos professores para comunicação desses casos. Além disso, os professores destacam os encaminhamentos que geralmente são feitos, conforme mostram os trechos abaixo. Ou seja, o SOE mostra-se cumpridor do seu papel de mediar as relações dentro da escola (BUGONE et.al., 2016).

---

<sup>6</sup> Nos casos em que ocorreu lesão autoprovocada, como a(s) escola(s) em que você atua procedeu? Quais foram os encaminhamentos?

A - Quando fiquei sabendo passei o caso para a orientadora escola e a mesma chamou o aluno.

B - Acredito que a orientação da escola atue com atendimentos de escuta e intervenção com os responsáveis nos casos de alunos (as) que os professores percebiam em que haja fatores de risco para lesões.

Em um segundo momento, posterior a comunicação à equipe diretiva, o serviço de orientação educacional chama os alunos envolvidos para conversar com o objetivo de compreender o ocorrido e, posteriormente, comunicar as famílias. Ou seja, tal trecho representa o que costuma ocorrer na escola.

A - Primeiro a escuta, intervenção com o aluno e em seguida chamamento da família na escola para comunicar o fato e registro documental do atendimento. Em alguns casos, foi necessário acionar o conselho tutelar e a patrulha escolar<sup>7</sup>.

Como um desdobramento das intervenções com os alunos e suas famílias, os professores elencaram as sugestões de encaminhamento para atendimento e psicológico. Além dessa questão, foi assinalada a importância de uma parceria entre a família e a escola para que ambas acompanhem os alunos posteriormente ao ocorrido. Os trechos sintetizam os caminhos que foram expostos acima.

A - Ao se tomar conhecimento da situação a orientação escolar faz uma intervenção, contextualiza e a partir do diálogo com a família procura encaminhar para atendimento psicológico.

B - A escola entrevistou conversando com os(as) alunos(as) e com seus responsáveis, reforçando a necessidade de ajuda psicológica para esses casos.

Com relação a atuação da família no que se refere a prevenção de lesões autoprovocadas em adolescentes, os professores trouxeram diversas perspectivas;

---

<sup>7</sup> Instaurada em 2014 em São Leopoldo pela Brigada Militar. Tem como objetivo atuar no entorno e dentro das escolas contra episódios de violência na comunidade escolar.

porém, em sua maioria, apontaram para o desconhecimento dos fatos por parte da família. Seja por não saberem o que ocorreu ou por não reconhecerem o sofrimento emocional do filho como um problema de saúde. Em alguns casos, foi reconhecida a participação da família nessas questões – ainda que de forma incipiente e pontual.

A – Pouco representativas ou presentes.

B – Muito distante dos seus filhos.

A orientadora trouxe aspectos mais abrangentes sobre família, desde que quaisquer configurações de parentesco ou relação poderiam ser consideradas atualmente como famílias sendo, portanto, esse o motivo pelo qual ela não usava mais o termo pai e/ ou mãe e sim, responsáveis. Ou seja, poderia ser qualquer pessoa que irá responsabilizar-se por cuidar da criança e se preocupar com seus estudos.

Em função desses diversos contornos, muitos alunos, por vezes, bastante jovens, acabam tendo que ser também responsáveis em suas casas e assumir tarefas como limpar, faxinar, cuidar de irmãos menores, podendo sofrer diversas formas de abuso. Sendo assim, ela ainda menciona que também não usa mais o termo família pois, acredita que quando se chega ao ponto de uma criança ou adolescente se automutilar é porque algo nessa rede de responsabilidade não se efetivou. Ela traz uma reflexão importante.

A - Eu acho que o filho não é mais visto, a criança e o adolescente, não é mais visto na família como um ser único, que ele tem só um pai, só uma mãe. Fica assim, se eu não fizer, o outro vai lá e faz. Não é responsabilidade minha. Tem 14 ano se vira, vai lá e faz tua comida, e isso eu acho que acarreta muitas coisas ainda nas costas de uma criança ou adolescente. Acho que se trabalhasse meio turno e estudasse meio turno, ia estar muito melhor do que em casa, naquele ambiente.

Portanto, pode-se considerar que, após tomarem conhecimento de casos de lesão autoprovocada, os professores comunicam o ocorrido para a orientação educacional, sobretudo, além da direção. Na maioria dos casos, foi o serviço de orientação educacional que fez o contato com o aluno e com a família, posteriormente.

Fato que não excluiu o acolhimento e a escuta por parte dos professores, em um primeiro momento. Além disso, outros desdobramentos foram apontados como os vinculados ao Conselho Tutelar e a Patrulha Escolar.

Conforme os professores relataram, a orientação educacional de sua escola é atuante, apesar das limitações, e tem se proposto a agir de maneira a corroborar os caminhos já citados. Dentro das limitações, podem-se elencar ações que poderiam ser executadas ou aperfeiçoadas como, por exemplo, o cuidado com os registros documentados desses casos na escola tanto para fins administrativos quanto epidemiológicos. A questão dos registros, das atas, por outro lado, pode levar a outro extremo que poderia ser uma espécie de burocratização das emoções no contexto escolar no qual um ato, a priori não compreendido em sua complexidade e profundidade, conforme alerta Castro (2020).

Além disso, essa questão também está relacionada com outra apontada pelos professores que é a possibilidade de identificar possíveis casos pois demandam saberes alheios aos comuns aos professores.

A - A prevenção de situações desse tipo são difíceis, pois, pelo menos nos casos em que tive contato nesta última década, são decorrentes de outras situações, como depressão. A escola, por meio do SOE e das intervenções dos docentes pode orientar os jovens e buscar ajuda da família ou dentro da escola quando apresentam os primeiros sinais que levam a esse caminho.

B - Tanto na rede pública como privada, são muito comuns casos de alunos com algum tipo de transtorno psicológico.

Sobre o acolhimento de casos de lesão autoprovocada na escola, a orientadora afirma que isso não é uma experiência boa, apesar de serem válidas para a prática profissional. Ao final do relato, ela se mostra frustrada em alguns momentos por reconhecer o alcance do seu trabalho e faz uma reflexão sobre os encaminhamentos que ocorrem fora do Conselho Tutelar como, por exemplo, no caso de alguma criança ou adolescente ser retirado da família (ou até mesmo mantido) após conhecimento do seu sofrimento e de sua dificuldade de lidar com isso. Além disso, questiona os próprios limites da escola, no sentido de apontar a necessidade de atuar prevendo sua continuidade, buscando melhorias para o aluno no decorrer dos seus escolares, para além de atendimentos pontuais.

A - É bem difícil porque tu sabe que não é aquele momento, tu sabe que é alguma coisa atrás que está acontecendo ou que vem acontecendo há muito tempo até chegar nesse ponto. Isso não é uma coisa da hora: “Eu discuti com Fulaninho e eu me cortei”, “Eu briguei ali com a minha mãe e eu me cortei”. A gente sabe que não é isso, a gente sabe que para se mutilar é uma coisa maior que está por trás. E essas experiências que eu tive refletiram totalmente na família. E aí a gente vê a sociedade da gente, um país com uma diversidade enorme de coisas que nós temos e a educação ser tão falha nesse sentido, de nós não termos na escola muito o que fazer para isso porque o aluno tem medo, na sociedade em geral. Se ele fala que o pai abusa, que o padrasto abusa, a mãe abusa, enfim, ele perde a família. Ele perde a família. Ele vai para onde? Ele vai para o abrigo. Ele vai para o abrigo e lá no abrigo não é a família dele, as pessoas trabalham lá, elas vêm, cumprem seus deveres e elas vão para casa. E o que que isso contribui para ele crescer e não se mutilar? Onde que está a ajuda nisso tudo, né? Isso quando não é retirado da família ou tem que ficar com a família. A mãe vai ficar com o companheiro que tem ou vice e versa, o pai vai ficar com a companheira que tem. Esses abusos quando eu falo não é só sexual, é no sentido como um todo, é quando a criança é explorada dentro de sua própria casa, mas não é visto como exploração porque ela está em casa. (...) Como profissional a gente cresce, mas se limita no que pode fazer e esse limite dentro da profissão da gente isso frustra um pouco, a gente espera um pouco mais da gente mesmo, a gente espera que a gente consiga alcançar mais os objetivos, tu dá aquela mascarada na situação, claro que quando eu vejo que uma coisa melhorou eu fico satisfeita porque eu vejo que é para ele, para o meu aluno, para a criança, adolescente que tá ali para contribuir para a vida dele. Mas eu não vejo com experiências boas nessa área, eu vejo como um crescimento muito, muito grande se hoje nós tivéssemos a expectativa de uma escola melhor, de uma escola que realmente pensasse a diante, que ela não pensasse só naquele momento.

Sobre os encaminhamentos quando do conhecimento de um caso de lesão autoprovocada na escola, o SOE procede da seguinte forma:

A - Quando é caso de mutilação a gente nunca, nunca deixa de chamar a família, o responsável porque se já chegou nesse estágio da mutilação é um pulinho para

qualquer outra coisa mais séria até mesmo um suicídio e isso de forma alguma a gente pode omitir do responsável, ele fazendo alguma coisa ou não. (...) Geralmente não converso sozinha com o aluno, a gente já reúne a equipe e conversa com o aluno para ter uma abrangência maior e tentar descobrir mais coisas, dessas conversas com o aluno, às vezes, ele pode contar alguma coisa, porque a gente sabe que não contou tudo. E a partir daí chamamos o responsável e orientamos sempre, sempre, sempre que possível procurar ajuda psicológica, porque tudo que ali ele não está dizendo, talvez ele diga para a psicóloga. Mas tem um outro detalhe, não é só na escola que falta psicóloga, no SUS é bem difícil de se chegar a um profissional de psicologia. Às vezes funciona quando chega na família porque ela dá aquela acordada e dá aquela melhorada porque alguém além deles viu, que foi a escola e às vezes a gente também consegue resolver. Mas tivemos uma boa evolução até agora.

Os serviços mais solicitados ao SOE são os de Busca Ativa e de FICAI<sup>8</sup> os quais possuem diretrizes e fluxos a serem seguidos para a conclusão dos processos garantindo, assim, a permanência dos alunos na escola e retorno dos alunos infrequente, quando possível, podendo utilizar-se também do Conselho Tutelar. Já orientações da escola sobre como proceder nesses casos, não há. O que aparece na prática foi o que ela chamou de “a lei maior que a gente tem é da equipe de trabalho”, pois os demais profissionais da escola se envolvem no acolhimento dos alunos como por exemplo, o serviço de atendimento educacional especializado e a supervisão, por exemplo, além de um grupo de professores que tem conhecimento dos fatos e reconhecem minimamente alunos em risco.

A – (...) o respaldo maior que a gente tem, a lei maior que a gente tem é da equipe de trabalho, é da gente ter uma equipe de trabalho assim que pega junto. Quando um não sabe, o outro já sabe, quando um começou o outro pode terminar porque sabe em pé está a situação. (...) A equipe se mobiliza e a equipe acolhe junto, a equipe conversa junto para ver o que vai ser melhor para aquele aluno, para dar um andamento para que ele continue, que ele flua, que ele consiga ir adiante na escola.

---

<sup>8</sup> Ficha de Comunicação de Aluno Infrequente.

Apesar de existir essa parceria positiva na escola, tal fato não esconde a falta que um profissional psicólogo escolar<sup>9</sup> faz, representado tanto pela fala dos professores quanto pela da orientadora. A orientadora educacional também lamenta grande demora em chegar um profissional da área da psicologia nas escolas, afirmando que o ocorre no município antes, chegará no Estado muito mais tarde.

### 6.3 ESPAÇOS DE ESCUTA NA ESCOLA

Quando questionada sobre a existência de espaços de escuta na escola, a orientadora educacional afirmou:

A - Existem, não posso falar de todas as escolas porque sei que nem todas tem, mesmo não visitando, não indo, mas ainda existem. Mas ainda falta muito; na nossa escola, por exemplo, não tinha a orientação, quem tinha que escutar era a supervisão e a equipe diretiva. Não é a função deles, mas eles faziam como fazem até hoje. Então hoje, se aquela pessoa que é referência do SOE não está, a sala de recursos tem uma pessoa que escuta, a supervisão escuta, nós temos uma equipe diretiva que escuta e nós temos alguns professores que acolhem e escutam, mas nem todas as escolas têm isso porque tem que dar conta do seu serviço e da sua demanda. Hoje em dia como está, essa demanda aumenta cada vez mais, precisa muita escuta, cada vez mais e mais, mais profissionais realmente bem direcionados, por exemplo, para psicologia, psicopedagogia.

Existem professores que tem sensibilidade maior para ver os problemas dos alunos do que outros, ou seja, não conseguem reconhecer que há algo por trás dos casos de lesão autoprovocada. Existe aqueles que mandam o aluno para o SOE e outros que buscam escutar o que está se passando, procurar entender previamente o que está acontecendo. Porém, ela reforça que seu grupo de trabalho tem a maioria de professores que conduzem as intervenções de maneira a buscar compreender o aluno antes de encaminhá-lo ao SOE.

Pensando em como o aluno é visto dentro desse processo, a orientadora chama atenção para a atenção e a complexidade de compreender o fenômeno da

---

<sup>9</sup> A Lei nº 13.935<sup>9</sup>, de 11 de dezembro de 2019, prevê que as redes públicas de Educação Básica contarão com serviços da Psicologia e do Serviço Social para atender às necessidades e prioridades definidas pelas políticas de educação.

adolescência de maneira plural. Sendo assim, as lesões provocadas precisam ser compreendidas dentro de seus contextos sociais, culturais, econômicos, de gênero, classe, cor etc. Aponta ainda que o adolescente ainda não consegue lidar emocionalmente com algumas questões, as quais também são existenciais e não em si patológicas (DUNKER, 2020). É necessário que a escola promova debates existenciais como uma forma de buscar fortalecer os vínculos com a vida.

Nesse sentido, a orientadora fala sobre a posição do aluno nesse processo pulsante de adolecer e de se auto lesionar no qual ela expõe sua vulnerabilidade no sentido de não ter quem o proteja, garanta seus direitos e bem-estar físico e emocional.

A - Ele é uma vítima da sociedade que nós vivemos. Ele não tem para onde sair, para onde ocorrer, não tem. Porque nessa idade não condiz, a idade não condiz com o amadurecimento de pensar como nós já adultos pensamos, criar objetivos assim para sair daquela situação. Ele tem que viver aquela idade ali, aquela fase dele, ele tem que ser criança, tem que ser adolescente. E hoje em dia ele não consegue mais ser isso, dentro de uma casa, ele não consegue mais ser isso. Ele nasceu cinco anos mais velho que o irmão ou a irmã, mas ele não é o irmão, é o responsável pela casa. Então ele é uma vítima da sociedade. O aluno é a vítima de tudo.

Conforme salientado anteriormente, a escuta dos alunos foi elencada como de extrema importância quando se trata de lesão autoprovocada na escola tanto na sala de aula quanto nas intervenções feitas pelo serviço de orientação educacional e pela direção. Nesse sentido, portanto, as respostas obtidas no questionário corroboram as informações trazidas por Barros (2010) sobre a escuta.

Sendo assim, quando questionados sobre ações, atividades pedagógicas ou projetos propostos em sala de aula para promover espaços de escuta, um professor de língua estrangeira afirmou ter dificuldade em fazê-lo por ter somente um período semanal em cada turma. Sobre a postura do professor, foi assinalada a importância de entrar em sala de aula com afeto e carinho com os alunos para dessa forma criar um ambiente em que eles expressem suas opiniões e falem de seus problemas. Além disso, algumas iniciativas tentam *conciliar alguns debates e conversas em momentos de descontração, pois, assim, há mais espaço para os alunos falarem “sem pressão”*.

A - Geralmente em aulas de Filosofia ou Sociologia, quando abordados conteúdos de processos de socialização, papel do Estado, existencialismo e outros conteúdos. O aluno se sente mais seguro em atividades escritas, para manter sigilo.

B - Em minhas aulas proponho discutir sobre temas que possam ser fatores para essas marcas como: conflitos na família, orientação sexual, abuso sexual, machismo, preconceito, desesperança, transtornos de imagem, impulsividade entre outros. Posterior a isso, é proposto a construção de textos e murais expostos a comunidade escolar.

Portanto, pode-se perceber que as disciplinas de Humanas, sobretudo, propuseram atividades de debate, pesquisa, seminário, roda de conversa e produção textual no sentido de prevenir episódios de lesão autoprovocada e promover reflexão sobre o mundo e a cultura na qual os adolescentes estão inseridos que, no limite, acabam atuando como fatores de proteção. Além disso, também é importante tratar sobre os fatores de risco, citados no trecho acima.

Segundo o Guia Intersetorial de Prevenção do Comportamento Suicida em Crianças e Adolescentes<sup>10</sup> (2019), os profissionais da educação podem promover a prevenção através, por exemplo, da valorização da vida e da prevenção ao suicídio no projeto político pedagógico (PPP) da escola, de parcerias e ações voltadas para a cultura de paz e o respeito à diversidade, construção de espaços de diálogo para alunos e professores como forma de expressão de sentimentos e escuta compreensiva e organizar programas psicoeducativos e lúdicos sobre saúde mental e suicídio. Vale ressaltar também para alunos e professores os limites da confidencialidade, ou seja, ambos precisam estar cientes de que, em caso em grande risco, o caso deverá ser aberto para outras pessoas. Caso contrário, poderá haver culpabilização por negligência.

Como mudança na postura dos professores, foi apontada a importância da tentativa de serem parceiros e ouvintes dos seus alunos. Não só reprodutores de conteúdo. Além da importância dos professores e do apoio psicológico elencados

---

<sup>10</sup> Disponível em < [26173730-guia-intersetorial-de-prevencao-do-comportamento-suicida-em-criancas-e-adolescentes-2019.pdf](https://saude.rs.gov.br/26173730-guia-intersetorial-de-prevencao-do-comportamento-suicida-em-criancas-e-adolescentes-2019.pdf) (saude.rs.gov.br)> Acesso em 5 de set de 2022.

como elementos que podem atuar na prevenção, foi citada a família, novamente. Ou seja, conhecer o alunado e, sobretudo, aqueles que podem estar em sofrimento. Esses alunos seriam identificados pelos professores, orientação educacional e direção. Sendo assim, a aproximação da escola e da família e seus contextos social e familiar foram apontados como fundamental para prevenção da lesão autoprovocada.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o aumento expressivo das notificações de violência autoprovocadas por crianças e adolescentes, esta pesquisa buscou compreender como o serviço de orientação de educacional de uma escola pública de São Leopoldo acolhe e acompanha os casos de autolesão. A lesão autoprovocada é compreendida como uma manifestação das emoções e conflitos que a criança/adolescente não consegue gerir através de estratégias de resolução de problemas mais assertivas. (Almeida, 2018).

Dessa forma, esse fenômeno heterogêneo e multideterminado também se manifesta na escola. Somando-se a isso, há a questão do processo de adolecer, o qual por si só já traz mudanças, dúvidas e muitas angústias. Sendo assim, na perspectiva desta pesquisa, acredita-se que a escola pode atuar como espaço em que a palavra circule (Barros, 2010) e a escuta se faça rotina, pois

Na área escolar, são relevantes ações promotoras da saúde mental e do uso seguro da Internet, bem como o apoio às famílias para que se constituam fatores de proteção aos adolescentes e parceiras de seu cuidado. Novos estudos que explorem as percepções dos adolescentes, das famílias e de outros serviços de saúde e demais setores de proteção infantojuvenil são necessários. (GABRIEL, et.al., 2020, p. 8)

É preciso levar em consideração que esse grupo de profissionais de educação possui, em sua maioria, mais de 40 anos e atua na escola pesquisada há menos de 10 anos e somente um afirmou não ter tomado conhecimento de nenhum caso. Os professores, nesse contexto, exercem papel fundamental na identificação, monitoramento e comunicação para o SOE ou supervisão de alunos em risco. Além disso, muitos deles fazem o acolhimento imediato com o aluno nesse tipo de situação. Ou seja, pode-se perceber uma rede na escola que ultrapassa os limites do SOE, apesar de o setor ter pouca força para seguir encaminhamentos mais complexos para além dos muros da escola, o que acaba gerando a sensação de “dar aquela tapeada”, referida pela orientadora. Conforme ela cita, os encaminhamentos da legislação esbarram com a vida das famílias e dos jovens os quais acabam não sendo vistos como seres únicos dentro de seus lares.

Porém, o que acontece dentro da escola é diferente. Apesar de não ter orientações governamentais para seguir quanto aos protocolos nesses casos, os

caminhos seguidos, de maneira resumida, são: comunicação ao SOE ou direção; conversa com aluno; conversa com família; contato com Conselho Tutelar e Patrulha Escolar (se necessário). A orientadora e os professoras relataram boas conduções nos casos dos alunos: alguns conseguem atendimento psicológico com a família, outros esperam mais tempo, enquanto outros não procuram. Muitas vezes, os colegas, a família e a escola demoram para perceber algum comportamento, pois os alunos tendem a esconder ou usar redes sociais para compartilhar com pessoas específicas. Sendo assim, o trabalho de mediação que o SOE realiza com os professores e alunos é de extrema importância para conhecer o aluno, sua família, sua realidade, sua rotina etc.

Pode-se afirmar que o SOE é visto como um ponto de amparo e escuta para a escola, professores e alunos nesses casos. Ou seja, professores recorrem ao SOE buscando uma esperança para aquele aluno, uma possibilidade de acolhimento, confirmou apontou Soares (2018). Dessa maneira, a salinha do SOE pode conter também um “chazinho milagroso”, como refere Barros (2010), o qual se degusta devagar com um bom diálogo.

Tal fato gera contentamento entre os professores, mas também preocupação já que alegam não ter conhecimento para lidar com questões emocionais mais complexas. Por outro lado, existe os professores que buscam compreender o que está acontecendo com o aluno enquanto, outros somente o mandam sair da sala de aula e “ir para o SOE”. Muitos alunos ainda vinculam o SOE a um lugar ou profissional que irá registrar atas, reprimir comportamentos e chamar os pais.

As famílias foram vistas como pouco presentes da vida dos seus filhos, muitas vezes não tomando conhecimento do que se passa ou até mesmo não compreendendo questões emocionais como passíveis de ser tratadas e acompanhadas.

Foi possível concluir tanto pela fala da orientadora educacional quanto pela dos professores que a equipe diretiva e o SOE são atuantes e de maneira conjunta estabelecendo uma relação de parceria para enfrentamento desses casos, mesmo que não existam políticas públicas consolidadas a esse respeito e profissionais capacitados em número suficientes nas escolas. Nesse caso, “a lei maior é a da equipe de trabalho”, ou seja, outros setores se unem ao SOE para realizar o acolhimento ao aluno e decidir os caminhos que serão tomadas a partir de seu contexto.

Vale refletir sobre a inexistência de um profissional psicólogo escolar na escola, o que foi solicitado pelos professores e, frequentemente, pelos alunos, como no episódio citado na introdução deste trabalho. Ou seja, para além de espaços tradicionalmente compreendidos como de escuta, a escola também precisa ser uma possibilidade de circulação da palavra (Barros, 2010). Os professores ressaltaram a importância de formações, palestras e cursos sobre temáticas relacionadas às questões e manifestam sentir falta de mais ações nesse sentido nas escolas.

Como limitações do estudo está sua abrangência e possibilidade de obter mais respostas dos professores, o fato de o pré-teste ter sido respondido por somente um professor. Portanto, encerro essas breves reflexões, dentro do que foi possível fazê-lo, com um pouco mais de esperança na escola que escuta.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S. (2018). A PRÁTICA DA AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: O OLHAR DA PSICOLOGIA ESCOLAR/ EDUCACIONAL. **Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais** - UNIT - ALAGOAS, 4(3), 147. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/5322>>. Acesso em 27 de set. de 2022.

BARROS, Jane Fischer. **Entre-as-linhas da escola: possibilidades de circulação da palavra**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

BUGNONE, Ana Claudia; DALABETHA, Andiara; BAGNARA, Ivan Carlos. O orientador educacional e seus desafios no contexto escolar. **Revista de Educação do IDEAU**, v.11, n. 23, p. 1-14, jan -jun, 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. V. 52, n.33. set.2021. Disponível em: <[Boletim Epidemiológico Vol. 52 - Nº 33 — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/boletim-epidemiologico-vol-52-n-33-portugues-brasil)>. Acesso em 07 de set. de 2022.

CASTRO, Luciana da Silva de. **Automutilação na adolescência: a necessidade da escuta no contexto escolar**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia). Curso de Psicologia, Universidade do Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2020.

GABRIEL, I., M.; COSTA, L., C., R.; CAMPEIZ, A., B., SILVA, M., A., I.; CARLOS, D.M. Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde. *Esc. Anna Nery*, v, 24, n. 4, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0050>>. Acesso em 01 de out. de 2022.

DIONÍSIO, Juliana Soares; QUEIROZ, Paulo Pires de. GÊNERO E AUTOMUTILAÇÃO NA ESCOLA BÁSICA: um estudo de caso. **Revista Práxis**, [S.L.], v. 12, n. 23, p. 19-29, 22 set. 2020. Fundação Oswaldo Aranha - FOA. Disponível em: <[Vista do GÊNERO E AUTOMUTILAÇÃO NA ESCOLA BÁSICA: UM ESTUDO DE CASO \(unifoa.edu.br\)](http://unifoa.edu.br/vista-do-genero-e-automutilacao-na-escola-basica-um-estudo-de-caso)>. Acesso em 19 de ago. de 2022.

DUNKER, Christian. **Paixão da ignorância: a escuta entre Psicanálise e Educação** - Coleção Educação e Psicanálise, São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

ESCOBAR, Amanda de Moraes Pinto Ribeiro; ARRUDA, Mariana de Fátima Alves; SOBRINHO, José Eudes de Lorena. Estratégias de prevenção do suicídio e da autolesão voltadas para adolescentes em ambientes escolares: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, 2022. Disponível em: <[Estratégias de prevenção do suicídio na escola para adolescentes: uma revisão de literatura na base medline \(redib.org\)](https://redib.org/estrategias-de-prevencao-do-suicidio-na-escola-para-adolescentes-uma-revisao-de-literatura-na-base-medline)>. Acesso em 25 de set. de 2022.

FARIA, Nicole Costa; RODRIGUES, Marisa Cosenza. Promoção e prevenção em saúde mental na infância: implicações educacionais. **Revista Psic. da Edu**, São Paulo, 51, 2 sem. de 2020, p.85-96.

FERREIRA, Loraine Seixas; CHAVES, Gislaiane; TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury. Autolesão na adolescência e a produção científica nacional: revisão integrativa da literatura. **Mudanças - Psicologia da Saúde**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 43-53, 21 dez. 2021. Instituto Metodista de Ensino Superior. Acesso em 07 de set. de 2022.

LOPES, Lorena da Silva; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 291-303, ago. 2019. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282019000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000200010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 08 de set. 2022.

NORLING, Kelly da Silva. **Saúde mental e suicídio na adolescência: análise de estratégias de prevenção**. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DE SAÚDE. Disponível em <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>. Acesso em 19 de mar de 2022.

PASCOAL, Miriam.; HONORATO, Eliane Costa.; ALBUQUERQUE, Fabiane Aparecida de. O Orientador Educacional no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n.47, p. 101- 120, jun. 2008. Disponível em: [https://scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982008000100006](https://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000100006). Acesso em: 20 mar. 2022.

PEREIRA, Renata Maria da Rosa; SANTOS, Joseane Frassoni dos; FREITAS, Cláudia Rodrigues. O papel da orientação educacional na articulação em rede: o caso Davi. **Revista Educação, Ciência e Cultura**. Canoas. v.26, n. 2, p. 1-14, maio.2021. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/7696/pdf>. Acesso em: 28 mar. 2022.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. Boletim de Vigilância Epidemiológica de suicídio e tentativa de suicídio, 2015. Disponível em <https://www.cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/201809/05162957-boletim-de-vigilancia-epidemiologica-de-suicidio-n1-2018.pdf>. Acesso em 20 mar. 2022.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. Acesso em 30 de ago. de 2022.

SOARES, Simone Caceres. **Na adolescência: os cortes no corpo aliviam a dor da alma?** Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia). Curso de Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018.

VALENTE, S. (2019). Competências socioemocionais: o emergir da mudança necessária. Revista Diversidades, 55, 10-15. <https://www.madeira.gov.pt/dre/Estrutura/DRE/Publicações>. Acesso em 10 de maio de 2022.

## APÊNDICE A – ENTREVISTA COM ORIENTADORA EDUCACIONAL

1. Idade;
2. Formação;
3. Tempo de atuação no serviço de orientação educacional;
4. Como chegou ao serviço de orientação educacional? Existe uma formação específica?
5. Como foram suas experiências no acolhimento de casos de lesão autoprovocada na escola?
6. Quando ocorre um caso, quais são os encaminhados realizados pelo serviço de orientação educacional?
7. Quais são as diretrizes da escola e do Estado para o acolhimento de casos de lesão autoprovocada na escola?
8. Como você vê a atuação da família nesse processo?
9. Como você a atuação dos professores nesse processo?
10. Como você vê o aluno nesse processo?

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

1. Sexo;
2. Idade;
3. Qual disciplina leciona? Há quanto tempo?
4. Durante sua prática docente, você já presenciou ou tomou conhecimento de crianças e adolescentes que provocaram algum tipo de lesão autoprovocada no contexto escolar? (Ex.: corte, escarificação, arranhões, bater em partes do corpo, arrancar cabelos etc.)
5. Como você acha que a escola em que você leciona pode atuar para prevenir episódios de autolesão entre as crianças e adolescentes?
6. Nos casos em que ocorreu lesão autoprovocada, como a escola em que você atua procedeu? Quais foram os encaminhamentos?
7. Quais ações, atividades pedagógicas ou projetos você propõe em suas aulas para promover espaços de escuta?
8. Na escola em que atua, como você vê a atuação da orientação educacional na prevenção de lesões autoprovocadas em crianças e adolescentes?
9. Na escola em que atua, como você vê a atuação da família na prevenção de lesões autoprovocadas em crianças e adolescentes?
10. Enquanto professor (a), o que você compreende por "prevenção e promoção de saúde mental em espaços escolares"?